



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Educação e Divulgação Científica
Campus Mesquita

Prisciliana Conceição da Silva

***FAKE NEWS* x NOTÍCIA:**

Uma análise a partir de dois exemplos sobre febre amarela

Mesquita – RJ

2019

Prisciliana Conceição da Silva

***FAKE NEWS* x NOTÍCIA:**

Uma análise a partir de dois exemplos sobre febre amarela

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Educação e Divulgação Científica.

Orientadora: Prof (a). Dra. Fernanda Azevedo Veneu

Mesquita – RJ

2019

P586v

Silva, Prisciliana Conceição da.

Fake News x notícia: uma análise a partir de dois exemplos sobre febre amarela. / Prisciliana Conceição da Silva. – Rio de Janeiro: Mesquita, 2019.

34 p.

Trabalho de Conclusão (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2019

Prof.º Drª. Fernanda Azevedo Veneu.

1. Jornalismo Científico (Guia). 2. Fake News. 3. Febre Amarela. I. Silva, Prisciliana Conceição da. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

TCC/IFRJ/CMesq EDC/PG

Prisciliana Conceição da Silva

FAKE NEWS x NOTÍCIA:

uma análise a partir de dois exemplos sobre febre amarela

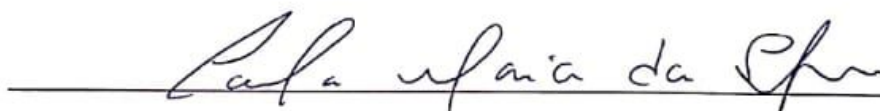
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Educação e Divulgação Científica.

Data de aprovação: 28 de junho de 2019.



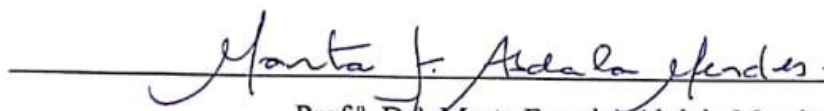
Prof.ª Dr.ª. Fernanda Azevedo Veneu

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
(CEFET-RJ)



Prof.ª M.ª. Carla Maria da Silva

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia
(INCT-CPCT)



Prof.ª Dr.ª. Marta Ferreira Abdala Mendes

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
(IFRJ)

Mesquita – RJ

2019

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRJ e ao Programa de Pós-Graduação Especialização em Educação e Divulgação Científica - Campus Mesquita, por proporcionar as bases teóricas e metodológicas que permitiram o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Marta F. Abdala Mendes, coordenadora do Curso, pela disposição em acompanhar os alunos compreendendo-os e auxiliando-os em sua trajetória acadêmica e à equipe de professores.

À professora Fernanda Azevedo Veneu, minha orientadora, por se interessar pelo trabalho, ajudar a defini-lo e delimitá-lo, pela autonomia e confiança que depositou e pelas correções e contribuições.

À minha turma, por ter proporcionado momentos de trocas entre várias áreas disciplinares, por dividir as angústias da DC e compartilhar experiências que transcenderam a sala de aula.

Ao meu marido, Péricles de Moraes, por estar ao meu lado em mais esta etapa da minha vida, por ser meu admirador, pelo auxílio no bicho-papão-formatação, pela paciência, pelas bebemorações.

SILVA, Prisciliana Conceição da. *Fake news x notícia: uma análise a partir de dois exemplos sobre febre amarela* p.53. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Divulgação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2019.

RESUMO

Objetivou-se, aqui, analisar duas *fake news* sobre febre amarela, buscando comparar sua estrutura com a estrutura ideal de uma notícia utilizando o referencial teórico de Lage (2011). O pressuposto de que existem diferenças estruturais entre os textos foi confirmado. Com base nos resultados, elaborou-se um guia simplificado, para o público em geral, de checagem de *fake news* a partir de sua forma, um *form-checking*.

Palavras-chave: Jornalismo científico. Estrutura da notícia. *Fake news*. Febre amarela. *Form-checking*.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze two fake news about yellow fever, comparing its structure with the ideal structure of news using the theoretical framework of Lage (2011). The assumption that there are structural differences between texts has been confirmed. Based on the results, a simplified guide for the general public of fake news checks was prepared from its form, a form-checking.

Key words: Scientific journalism. News structure. Fake news. Yellow fever. Form-checking.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
1.1 Aproximação do objeto.....	07
1.2 Jornalismo científico e as <i>fake news</i>.....	07
1.3 Histórico recente das <i>fake news</i>.....	10
1.4 Combate às <i>fake news</i>.....	12
1.5 Justificativa.....	12
1.6 Problema.....	13
1.7 Objetivos.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A desordem da informação.....	13
2.2 A notícia.....	16
2.3 A estrutura da notícia.....	18
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 A seleção das <i>fake news</i>.....	19
3.2 Tratamento dos dados.....	21
3.3 A Análise dos dados.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
4.1 <i>Fake news</i> 1.....	23
4.2 <i>Fake news</i> 2.....	31
4.3 Miniguia – uma proposta.....	45
5 CONCLUSÃO.....	48
6 REFERÊNCIAS.....	50
7 ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação do objeto

Este trabalho é fruto de um encontro entre a História, a Divulgação Científica (DC) e o Jornalismo. Historiadora de formação, o interesse pela DC levou-me ao Curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação e Divulgação Científica e à aproximação de temas sociais, atuais e interdisciplinares.

Ainda na seleção, em 2017, minha intenção era abordar as *fake news* devido ao incômodo e preocupação com as distorções que temas sensíveis da História estavam sofrendo como “nazismo de esquerda”, “ditadura nunca existiu”, entre outros, entendendo que as *fake news* constituíam-se uma problemática para a História, e a DC, uma das soluções.

A escolha de orientação pela professora Fernanda Azevedo Veneu, jornalista de formação, corroborou para a continuidade do projeto em 2018. A primeira leitura de *Estrutura da Notícia*, de Nilson Lage (2011), obra didática de referência inicial do jornalismo, cumpriu seu papel e fez com que eu me situasse na produção de texto jornalística e me apropriasse deste saber.

Em detrimento de temas mais conceituais da área de História, pensados inicialmente, no primeiro semestre de 2018, a febre amarela se impôs como temática urgente do perigo das *fake news* e foi escolhida como recorte temático.

Desta maneira, constituiu-se um desafio trabalhar com um objeto tão atual da História do Tempo Presente, as *fake news*, ainda em fase de definição e delimitação conceitual e captar algum aspecto de um processo repentino e rápido. Também foi estimulante a minúcia da análise que envolveu conhecimentos além dos imaginados, como os de gramática, por exemplo, e a tentativa de ser didática e sintética. Maior desafio, porém, foi desprender-me da sisudez da linguagem acadêmica para a elaboração de um produto de DC em linguagem para o público em geral.

1.2 Jornalismo científico e as *fake news*

O papel da Divulgação Científica (DC) na sociedade atual é demasiado importante. O desenvolvimento científico e tecnológico supervalorizado, avançado, rápido e globalizado passou a responder às demandas humanas em todas as suas dimensões, tornando-se primordial, ao seu próprio desenvolvimento, que os cidadãos detenham os conhecimentos científicos. A DC passa, então, a se constituir uma ferramenta fundamental para este processo.

Para Dieb e Peschanski (2017, p.10) “a ciência se comunica ao público por meio da divulgação científica, da qual faz parte o jornalismo científico” (JC). Tendo em vista “a capacidade de comunicação massiva e periódica” os autores defendem que o JC “seja um dos mais importantes elementos da divulgação científica”.

Para WC Bueno, o JC é uma atividade-espécie ou segmento da DC e os dois conceitos não são sinônimos, embora seus objetivos, em termos gerais, sejam iguais. Porém, “o que distingue as duas atividades não é o objetivo do comunicador ou mesmo o tipo de veículo utilizado, mas, sobretudo, as características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula”. (1985, p. 1.422).

O conceito de Jornalismo Científico, deve, portanto, “incluir o de jornalismo, apropriando-se das características enunciadas por Otto Groth: atualidade, universalidade, periodicidade, difusão”. (BUENO, op.cit., p. 1422) E cumpre seis funções básicas: informativa, educativa, social, cultural, econômica, político-ideológica. (BUENO, 1985, p.1.424)

Calvo Hernando (1999) evidenciou as implicações entre a democracia e o Jornalismo Científico e considerou que este último deveria converter-se em instrumento para democratizar os saberes na direção da formação do juízo crítico dos indivíduos para a tomada de decisões e a participação política. Para o autor, o JC é capaz de atualizar e projetar os últimos descobrimentos e hipóteses científicas e seu objetivo último é “evitar que o saber seja um fator de desigualdade - política, cultural, econômica - entre os homens, e que tanto as sociedades como os indivíduos permaneçam, em uma grande parte do mundo, à margem dos progressos do conhecimento”¹. (HERNANDO, 1999, p.12, tradução minha)

Bertolli Filho (2006, p.3) ressalta a condição de gênero jornalístico do JC, o que implica dizer que ele segue as práticas da rotina jornalística em geral, tais como “o contato com as fontes, a obtenção e checagem das informações e a formatação do texto noticioso, com o emprego de um vocabulário de fácil compreensão” Para o autor, o JC é

um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 3).

¹ No texto original “evitar que el saber sea un factor de desigualdad - política, cultural, económica - entre los hombres, y que tanto las sociedades como los individuos sigan permaneciendo, en una gran parte del mundo, al margen de los progresos del conocimiento”.

No entanto, ainda segundo o autor, o JC possui alguns dilemas a serem enfrentados, como o da linguagem. A visão de que o seu produto se trata apenas de uma “tradução” resultando em um discurso científico desqualificado e depreciado tem sido revisto pela literatura. O JC utiliza estratégias de linguagem para tornar seu discurso compreensível, como analogias e metáforas. Por outro lado, também são utilizados jargões científicos ou termos genéricos em função da imagem imprecisa ou idealizada de público que os jornalistas nutrem.

Outro dilema diz respeito ao público impreciso do JC, pois é “a partir das concepções nutridas sobre ele (o que implica também o conhecimento de suas necessidades) é que se articula o texto jornalístico” (BERTOLLI FILHO, 2006, p.17). As literaturas jornalística e acadêmica construíram uma dupla imagem sobre este público, há os que o consideram ‘analfabetos científicos’ e os que os veem como espíritos curiosos e ávidos por conhecimentos e novidades científicas. O mais importante, conforme Bertolli Filho (2006), tal como no jornalismo em geral, o público do JC é visto pela mídia como consumidores, o que acarreta uma série de desafios para a área.

A prática do Jornalismo Científico também possui percalços analisados por Bertolli Filho (2006, p.9-15): o “analfabetismo científico” dos jornalistas; o interesse das empresas e dos institutos de pesquisa em utilizá-lo para marketing científico ; a antiga querela entre os cientistas e jornalistas e a questão das fontes que devem ser utilizadas criticamente.

As dimensões éticas, que constituem desafios desta prática, também foram pontuadas pelo autor como a sua suposta neutralidade, o interesse pessoal e financeiro dos jornalistas, o seu cunho de narração de fatos em detrimento da interpretação e contextualização destes, a não criticidade da Ciência e Tecnologia (C&T) ou sua espetacularização e mitificação, dentre outros.

Atualmente, o JC também está diante das transformações na comunicação midiática relacionadas às características do ambiente moderno de informação. Segundo Wardle e Derakhshan,

a tecnologia de edição e publicação amplamente acessível, barata e sofisticada tornou mais fácil do que nunca para qualquer um criar e distribuir conteúdo; o consumo de informação, outrora privado, tornou-se público devido à mídia social; a velocidade com que a informação é divulgada foi sobrecarregada por um ciclo de notícias acelerado e telefones celulares; as informações são transmitidas em tempo real entre pares de confiança e qualquer parte da informação é muito menos provável de ser contestada (2017, p.12, tradução minha)²

² Em inglês, lê-se “ a)Widely accessible, cheap and sophisticated editing and publishing technology has made it easier than ever for anyone to create and distribute content; b) Information consumption, which was once private, has become public because of social media; c) The speed at which information is disseminated has been supercharged by an accelerated news cycle and mobile handsets; d) Information is passed in real-time between trusted peers, and any piece of information is far less likely to be challenged”.

Segundo os autores, o ambiente moderno de informação é propício ao desenvolvimento de *fake news*, fenômeno que se constituiu em um desafio contemporâneo. Ao contrário do que a expressão *fake news* pode sugerir ao ser traduzida, ou seja, tratar-se de notícias falsas (em sentido restrito), o conceito é muito mais complexo, pois engloba um amplo espectro que vai desde uma paródia ou sátira mal interpretada a um conteúdo falso, totalmente fabricado. Assim, não se limita a textos com aparência de notícia, mas envolve também as formas visuais de imagens e vídeos.

A estrutura conceitual de *fake news* de Wardle e Derakhshan (2017) constituirá referencial teórico deste trabalho e será posteriormente delineada. Porém, embora os autores refutem este termo, optou-se por chamar os documentos analisados desta forma, utilizando o termo devido a sua abrangência.

1.3 Histórico recente das *fake news*

Em 2017, *fake news* foi eleita a palavra do ano pelo dicionário britânico *Collins* depois de ter ficado mundialmente conhecida no contexto das eleições americanas de 2016, tendo sido introduzida por Donald Trump que a utilizou frequentemente contra a imprensa tradicional e contra seus opositores (FAKE...2017). Porém, o fenômeno foi real e notícias falsas foram amplamente disseminadas durante a campanha, ainda que não seja consenso entre os pesquisadores que o seu alcance tenha determinado os resultados das eleições (WENDLING, 2018). Outros exemplos de influência das *fake news* em campanhas políticas se seguiram com o *Brexit* (saída do Reino Unido da União Europeia) e a eleição brasileira de 2018 (GRAGNANI, 2018).

Embora a atenção dos especialistas e jornalistas tenha se voltado no primeiro momento à contaminação do discurso político pelas *fake news*, o fenômeno atinge o discurso público em várias dimensões, como na saúde pública, não apenas nas redes online, mas também no mundo offline.

BASSETTE e RAPPA (2018) publicaram notícia na *Veja* intitulada “Praga na política, as *fake news* também se tornaram um caso grave de saúde pública”. Na matéria, foi divulgada uma pesquisa em que a revista avaliou, com a ajuda de especialistas, 966 notícias campeãs de compartilhamento em seis páginas do *Facebook* conhecidas por disseminarem conteúdo falso sobre saúde. Cerca de 35% delas eram totalmente falsas. A falsa notícia mais compartilhada chegou a quase meio milhão de compartilhamentos. Os temas mais comuns nas notícias falsas foram obesidade/emagrecimento (26,4%), câncer (12%), diabetes (8%), gordura no fígado

(4,5%), infecção urinária (3,6%), artrite/ dores nas articulações (2,7%). A reportagem ainda trazia casos de pessoas que tinham sido seriamente prejudicadas em sua saúde por terem acreditado em *fake news*, demonstrando a gravidade do problema, que pode até provocar a morte de indivíduos.

Segundo Mariz (2018), especialistas na área da saúde também vêm atribuindo às *fake news* um dos motivos dos baixos índices de cobertura vacinal em campanhas do calendário de vacinação do Ministério da Saúde (MS). Foi o caso da poliomielite, cuja cobertura vacinal foi de 77% (a meta é de 95% segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)) no ano de 2017, sendo que em 312 cidades brasileiras, em 24 estados, menos de 50% das crianças menores de um ano foram vacinadas.

O caso mais grave, porém, envolvendo as *fake news* na área da saúde no Brasil foi entre 2017 e 2018, quando houve um surto de febre amarela e um potencial risco de epidemia urbana da doença, conforme os dados.

De acordo com o “Boletim de fechamento da sazonalidade 2017/2018 de febre amarela” (BRASIL, Ministério da Saúde, 2018), no período de monitoramento de 1º de julho de 2017 a 30 de junho de 2018, houve 1.376 casos de febre amarela e 483 óbitos confirmados no país. No período anterior de 2016/2017, os números de casos e óbitos foram de mais ou menos a metade: 691 casos e 220 óbitos confirmados.

A única forma de prevenção da febre amarela é a vacinação e, neste sentido, o Ministério da Saúde realizou campanha vacinal e de divulgação de informações com a ajuda das mídias tradicionais e das mídias sociais. No entanto, segundo Jansen (2018), outra epidemia se alastrou, a de notícias falsas sobre a doença, especialmente sobre a vacina, que chegou a confundir os próprios profissionais da saúde, para os quais, conforme informa Oliveira (2018), o MS lançou uma cartilha.

De acordo com as informações de Costa (2018), as *fake news* sobre os efeitos da vacina podem ter comprometido a sua adesão já que o país, mesmo em surto, não alcançou a meta de cobertura vacinal estabelecida pela Organização Mundial da Saúde.

Dessa forma, as *fake news* sobre febre amarela constituíram um desafio que se impôs ao Jornalismo Científico em Saúde recentemente no Brasil, ou seja, a emergência de um discurso alternativo e competitivo sobre um assunto crucial à saúde da população e que por isso se constituirá tema deste trabalho.

1.4 Combate às *fake news*

Para Wardle e Derakhshan, buscar soluções para as *fake news* “exigirá uma mistura de soluções tecnológicas e educacionais e, em última análise, uma mudança psicológica em que as dietas de mídia unilateral são consideradas socialmente inaceitáveis.” (2017, p. 42, tradução minha)³

No âmbito da mídia, para lidar com as *fake news* surgiram as agências e serviços de checagem de fatos (*facting checking*) que possuem como princípio a transparência do processo de verificação das informações. Muitas fazem parte de projetos colaborativos que envolvem diversos jornalistas e redações de variados jornais, uma tentativa de retomar a sua credibilidade. No entanto, Wardle e Derakhshan argumentam que

[...]precisamos fazer checagem de fontes e checagem de fatos. Cada vez mais, ao avaliar a credibilidade de uma informação, a fonte que originalmente criou o conteúdo ou o compartilhou pela primeira vez pode fornecer a evidência mais forte sobre se algo está correto. As redações e as pessoas que dependem de mídia social para obter informações precisam investigar a fonte, quase antes de analisar o conteúdo em si. (2017, p.18, tradução minha)⁴

Sobre o conteúdo, os autores argumentam que enviar mais "informações factuais" para o ecossistema da informação sem considerar a influência das emoções no modo como as pessoas consomem notícias não será suficiente, assim a criação de narrativas envolventes e poderosas que utilizem a mesma técnica que a desinformação pode ser pensada.

Já quanto à forma da *fake news*, ou seja, sua estrutura de notícia, permanece lacunar alguma abordagem deste aspecto que possa orientar uma checagem. Por isso, a pesquisa pretendeu realizar a análise de duas *fake news* sobre febre amarela visando a compará-las a uma estrutura ideal de notícia segundo Lage (2011).

1.5 Justificativa

As *fake news* são um fenômeno atual e complexo, em fase de delimitação conceitual, cujos impactos nos diversos âmbitos sociais ainda não podem ser mensurados, porém vêm sendo sentidos, noticiados e estudados. Esta pesquisa justifica-se pela importância e atualidade do tema na área da saúde onde *fake news* tem ampla disseminação e podem causar

³ Em inglês, “Finding solutions to this is going to require a mixture of technological and educational solutions and, ultimately, a psychological shift whereby one-sided media diets are deemed socially unacceptable”.

⁴ Em inglês, “[...] we argue that we need to be doing source-checking as well as fact-checking. Increasingly, when assessing the credibility of a piece of information, the source who originally created the content or first shared it, can provide the strongest evidence about whether something is accurate. Newsrooms, and people relying on social media for information, need to be investigating the source, almost before they look at the content itself”.

prejuízos à saúde e à vida dos indivíduos. Visa contribuir analisando-as por um aspecto que ainda permanece lacunar: a partir de seu formato de texto jornalístico. Pretende também contribuir na área do JC a partir da elaboração para o público em geral de um miniguia de checagem.

1.6 Problema

A pesquisa buscará responder à seguinte pergunta-problema: Quais as diferenças e semelhanças entre as *fake news* sobre febre amarela selecionadas e a estrutura ideal de uma notícia segundo os parâmetros do jornalismo estabelecidos na obra de Lage (2011)? Partirá do pressuposto de que existem diferenças entre as duas construções e de que as *fake news* apenas possuem aparência de notícia.

1.7 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é comparar a estrutura das *fake news* selecionadas com a estrutura ideal de uma notícia (LAGE, 2011). A este objetivo geral relacionam-se os seguintes objetivos específicos:

- Selecionar as *fake news* sobre febre amarela que possuam aparência de notícia;
- Descrever a estrutura ideal de uma notícia (Lage, 2011);
- Descrever a estrutura das *fake news* selecionadas;
- Propor um guia simplificado de checagem de *fake news*, a partir de sua estrutura, com base na literatura consultada para realizar o trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para realizar os objetivos definidos, pretende-se utilizar os seguintes autores e conceitos: o aporte teórico de *fake news* por Wardle e Derakhshan (2017), os conceitos de notícia e de estrutura da notícia de Lage (2011; 2012).

2.1 A desordem da informação

Wardle e Derakhshan (2017) publicaram um relatório denominado *Information Disorder – Toward an interdisciplinary framework for research and policy making* (Desordem da Informação – Rumo a um quadro interdisciplinar de pesquisa e formulação de políticas) sob encomenda do Conselho da Europa. Trata-se de um trabalho atual e didático

que reúne outras diversas pesquisas sobre o fenômeno que se convencionou chamar genericamente de *fake news*.

Os autores entendem que boatos e rumores sempre existiram, porém o fenômeno *fake news* refere-se a algo novo em amplitude e escala cujos impactos ainda não são possíveis mensurar:

a poluição da informação em uma escala global.; uma complexa teia de motivações para criar, disseminar e consumir essas mensagens "poluídas"; uma miríade de tipos de conteúdo e técnicas para amplificar conteúdo; inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo este conteúdo; e altas velocidades de comunicação entre pares confiáveis (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p.4, tradução minha)⁵

Por isso, os autores argumentam que a primeira medida para lidar com as *fake news* é refutar este termo e estabelecer rigorosamente uma definição conceitual que abranja o complexo quadro de “desordem da informação”, cujos conteúdos falsos e enganosos são tidos como “poluição da informação”. Para eles, a expressão tem sido usada por políticos para constranger organizações de notícias cuja cobertura os desagradem, ou sendo apropriada por *sites*, organizações e pessoas públicas não confiáveis em sentido reverso para acusar os conteúdos confiáveis, tendo se transformado em uma ferramenta que pode servir à manipulação e censura pelos poderosos.

A expressão também acabou por limitar a atenção e os estudos do fenômeno a um problema textual, ou seja, a notícias de texto fabricadas, sendo ignorados os conteúdos visuais como imagens, vídeos, gráficos e memes que são amplamente difundidos, difíceis de identificar e que contam com poderosa adesão. Até mesmo a tecnologia que identifica imagens manipuladas ou fabricadas não tem sido suficientemente desenvolvida como a que analisa texto, segundo os autores.

A nova estrutura conceitual introduzida por Wardle e Derakhshan (2017) classifica três tipos diferentes de informação que formam, a partir das dimensões de dano e falsidade, a “desordem da informação”. *Dis-information* (desinformação) são as informações falsas e deliberadamente criadas e disseminadas para causar danos. *Mis-information* (informação incorreta) são as informações falsas, ou pode-se dizer também incorretas, que são compartilhadas ingenuamente sem a intenção de causar danos e *Mal-information* (má-informação) são as informações verdadeiras, especialmente de cunho privado, compartilhadas em um contexto específico para causar danos.

⁵ No original, “information pollution at a global scale; a complex web of motivations for creating, disseminating and consuming these ‘polluted’ messages; a myriad of content types and techniques for amplifying content; innumerable platforms hosting and reproducing this content; and breakneck speeds of communication between trusted peers”.

Os autores argumentam que, para entender um exemplo de desordem da informação, é necessário examinar separadamente os três elementos que o formam (o agente, a mensagem e o intérprete) conjuntamente com as três "fases" diferentes (criação, produção, distribuição) de vida de um exemplo.

O agente pode criar, produzir (transformar em produto de mídia) ou distribuir (tornar pública) a mensagem e não se tratar do mesmo indivíduo nas três etapas; pode possuir motivações financeiras, políticas, sociais ou psicológicas⁶; podem ser atores oficiais, como um governo, ou não oficiais, ou seja, indivíduos ou redes de indivíduos que trabalham sozinhos.

Quanto à mensagem, é necessário avaliar que tipo de mensagem foi criada e qual o seu formato e as características. As mensagens podem ser comunicadas pelos agentes “pessoalmente (através de fofoca, discursos, etc.), em texto (artigos de jornais ou panfletos) ou em material audiovisual (imagens, vídeos, gráficos em movimento, áudio editados, memes, etc.)” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p.26, tradução minha)⁷.

A fim de analisar uma mensagem, deve-se perguntar: para qual durabilidade ela foi projetada, qual a sua escala de exatidão, se é legal juridicamente, se é um conteúdo impostor, ou seja, se estão sendo utilizados nomes, imagem, marcas e outros símbolos oficiais.

Existem, segundo os autores, quatro características que tornam a mensagem mais atraente e, portanto, mais provável de ser consumida, processada e compartilhada amplamente: “provoca uma resposta emocional; tem um poderoso componente visual; tem uma narrativa forte; é repetitiva” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, pag. 38-39, tradução minha)⁸.

Já quanto ao intérprete, que é o receptor da mensagem, é necessário considerar como eles interpretam a mensagem e que ação tomam a partir dela. Citando trabalho de Stuart Hall (1973) sobre teoria da recepção, os autores explicam que as mensagens podem ser decodificadas de três maneiras: “hegemônica, aceitando a mensagem como ela foi codificada; negociada, aceitando aspectos da mensagem, mas não tudo; e oposicional, recusando a maneira como a mensagem foi codificada.” (apud WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p.41,

⁶“Financeiro: Lucrar com desordem de informação através de publicidade; Política: Desacreditar um candidato político em uma eleição e outras tentativas de influenciar a opinião pública; Social: Conectar-se com um determinado grupo on-line ou off-line; Psicológico: Buscar prestígio ou reforço”. (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 26, tradução minha)

⁷ No original, “Messages can be communicated by agents in person (via gossip, speeches, etc.), in text (newspaper articles or pamphlets) or in audio/visual material (images, videos, motiongraphics, edited audio-clip, memes, etc.)”.

⁸ Em inglês, “1) It provokes an emotional response. 2) It has a powerful visual component. 3) It has a strong narrative. 4) It is repeated”.

tradução minha)⁹. Os intérpretes podem se tornar o próximo “agente” ao compartilharem e estruturarem a mensagem em suas redes.

Recorrendo ao conceito de “comunicação como ritual” de James Carey (1989), os autores buscam elucidar porque os usuários de mídia e rede social consomem e disseminam *mis- e dis- information* mesmo não confiando necessariamente na veracidade das informações. O consumo de notícias transcende fatos e números, ou seja, as pessoas consomem notícias por outras razões além de se tornarem informadas, e sim como um ato ritualístico e dramático onde confirmam e compartilham suas crenças e sentem-se pertencentes a um grupo.

Wardle e Derakhshan (2017) replicam os sete tipos de *mis e dis-information* definidos por Wardle em trabalho anterior denominado "Fake News". It's Complicated”

1.Sátira ou paródia: nenhuma intenção de causar dano, mas tem potencial para enganar.2.Conteúdo enganoso: uso enganoso de informações para enquadrar uma questão ou indivíduo.3.Conteúdo impostor: quando fontes genuínas são imitadas.4.Conteúdo fabricado: Conteúdo novo, que é 100% falso, criado para enganar e prejudicar.5.Falsa conexão: quando manchetes, ilustrações ou legendas não confirmam o conteúdo. 6.Falso contexto: quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa.7. Manipulação do contexto: quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar. (p.17, tradução minha)¹⁰

2.2 A notícia

Segundo Lage (2011), a notícia¹¹ é um texto expositivo e difere-se da narrativa. A narrativa apresenta uma sequência de fatos em ordem temporal, ao passo que expor os fatos em uma notícia é dar-lhes uma sequência decrescente de importância levando em consideração o evento principal. Utiliza-se, na notícia, a lógica da oralidade.

Para o autor, portanto, pode-se definir notícia, do ponto de vista de sua estrutura:

[...] como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante. Assim, reduzimos a área de discussão ao que venha ser importante, palavra na qual se resumem conceitos abstratos como o de verdade ou interesse humano. Permitimo-nos encarar a notícia como algo que se constitui de

⁹Em inglês, “1. Hegemonic. Accepting the message as it was encoded. 2. Negotiated. Accepting aspects of the message, but not all of it. 3. Oppositional. Declining the way the message was encoded”.

¹⁰ Em inglês, “ 1.Satire or parody: no intention to cause harm but has potential to fool; 2.Misleading content: Misleading use of information to frame an issue or individual; 3.Imposter content: when genuine sources are impersonated; 4.Fabricated content : new content is 100% false, designed to deceive and to harm; 5.False connection: when headlines, visuals or captions don't support the content; 6.False context: when genuine content is shared with false contextual information; 7.Manipulated content :when genuine information or imagery is manipulated to deceive.

¹¹O autor diferencia notícia de reportagem. A reportagem é um “gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos” (LAGE, 2011, p.19).

dois componentes básicos: a) uma organização relativamente estável, ou componente lógico e b) elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia - o componente ideológico. (LAGE, 2012, p.32)

Lage (2011, p.90) também define notícia como “o relato de deslocamentos, transformações ou enunciações observáveis no mundo e consideradas de interesse para o público”. As três fases de produção de uma notícia são: a seleção dos eventos, a ordenação dos fatos e a nomeação das coisas.

Quem produz a notícia tem a preocupação ética de saber se a informação tem importância e desperta interesse público suficiente para ser publicada e deve ressaltar essa importância mantendo a conformidade com os fatos. O jornalismo é uma atividade especializada comprometida com os fatos¹² e não com as versões, apesar de os jornalistas não serem imunes ao seu contexto. O julgamento dos fatos e personagens da notícia cabe aos receptores.

No esquema elementar de comunicação (fonte [emissor], código, mensagem, canal, receptor) “o sistema produtor de notícias não é, em sentido absoluto, uma fonte¹³, mas um codificador inteligente, dotado de competência definida para intervir na mensagem, ao codificá-la.” (LAGE, 2011, p.70). Na codificação, a “limitação do código” (reduzir os itens léxicos e os operadores gramaticais) “aumenta a comunicabilidade e facilita a produção da mensagem” (LAGE, op.cit., p.62)

A notícia expõe o mundo das aparências e é intrinsecamente axiomática. Por isso, possui retórica referencial e se opõe à publicidade, que possui retórica conativa. O modo verbal da notícia é o indicativo, ao passo que, nos anúncios, predomina o imperativo. Assim como o aspecto verbal da notícia será sempre perfectivo pois informa um evento perfectivo, ou seja, o que terminou ou terá terminado de acontecer. Por ser referencial, a notícia não permite termos que expressem subjetividade, a argumentação.

Na produção da notícia, a pragmática da relação jornalista-público determina restrições linguísticas específicas: “impõe o uso de vocabulário e gramática tão coloquiais tanto possível nos limites do que se considera socialmente correto e adequado ao público a que se destina a informação” bem como “impedem o uso estilístico (intencionalmente significativo) de notações como as vírgulas[...]regulam e geralmente suprimem pontos de exclamação, reticências etc.” (LAGE, 2011, p.67)

¹²“O que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo”. (LAGE, 2011, p.75)

¹³ A fonte é “a procedência da notícia”, ou seja, o “informante oficial ou oficioso”. (LAGE, 2011, p.209)

A relação jornalista-público, onde ambos se desconhecem, também obriga a impessoalidade da mensagem: “‘Eu’ (a primeira pessoa verbal) passa a não fazer sentido. Nem cabe dirigir-se ao consumidor da informação como ‘vós’, ‘vocês’ ou ‘os senhores’” (LAGE, 2011, p.68). Também devem-se evitar referências imprecisas e variantes como adjetivos, advérbios e grandezas¹⁴ cujas referências podem variar de pessoa para pessoa. A notícia, além de ser verdade, deve parecer verdadeira, assim deve-se buscar os detalhes que dão o efeito de realidade.

2.3 A estrutura da notícia

A organização usual da notícia, segundo Lage (2011), é a seguinte: título, lide principal, sublide (ou segundo lide), primeiro entretítulo, documentação relativa ao primeiro lide, segundo entretítulo, documentação relativa ao sublide. Outros lides poderão ser incluídos no texto, precedidos de entretítulos e acompanhados de suas documentações, sucessivamente. Cada elemento será sucintamente explicitado nas linhas que seguem.

O título é a “palavra, locução ou frase em corpo maior que identifica a matéria [...] constituído de uma frase que contém as notações essenciais do lide[principal], generalizando as denominações e frequentemente anulando a perfectividade própria do texto noticioso. (LAGE, 2011 p. 221-222)

O lide principal é o primeiro parágrafo da notícia¹⁵, embora possa haver outros lides em seu corpo. Trata-se do “relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante.” (LAGE, 2011, p.81) Utilizando a síntese acadêmica de Harold Lasswell, Lage (2011) explica que o lide principal informa quem fez o quê, a quem, quando, onde, como, por quê e para quê.

Em termos gramaticais, o lide clássico,¹⁶ cujo fato será informado por um verbo transitivo, deve conter: sujeito (nome, pronome, sintagma nominal) predicado (verbo, locução verbal, sintagma verbal, acompanhado ou não de complemento (objeto direto ou indireto); as circunstâncias (sintagmas circunstanciais de tempo, lugar, modo/ instrumento, causa consequência) (LAGE, 2011, p. 81-82). A ordenação destas notações deve seguir a regra:

¹⁴As grandezas para as quais não há referenciais consensuais, Lage recomenda substituí-las por comparações.

¹⁵Quanto ao tamanho, “corresponde a algo entre 210 e 350 toques (três a cinco linhas de 70 toques) [...] o segundo parágrafo, ou sublide, acompanha aproximadamente o primeiro em tamanho”. (LAGE, 2011, p.115)

¹⁶Embora haja outros tipos de lide, todos decorrem de alguma maneira do lide clássico, segundo Lage (2011), por isso, este será o considerado neste trabalho.

“não se começa pelo verbo; começa-se pelo sintagma nominal ou circunstancial mais importante.” (LAGE, op.cit., p.95)¹⁷

O sublide é o segundo parágrafo da notícia que complementa o lide principal, quando necessário, ou informa o segundo evento em importância.

Documentação é o corpo do texto, são os parágrafos que complementam o lide principal e/ou o sublide e que “detalham ou acrescentam” informações. Segundo Lage (2011, p. 206-207) é “o detalhamento de personagens, ambiente e circunstâncias que corresponde a um lide noticioso” ou ainda “uma série de dados alinhados para exemplificar ou comprovar a afirmação feita em tópico frasal [no lide principal e/ou sublide]”.

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem o caráter qualitativo, de análise documental, e constou das seguintes etapas: busca por *fake news* sobre febre amarela com aparência de notícia, seleção e tratamento dos dados, análise do material de acordo com os referenciais teóricos do jornalismo (Lage, 2011) e proposição de um guia prático para checagem de *fake news*.

3.1 A seleção das *fake news*

A primeira fase da metodologia consistiu na pesquisa exploratória de *fake news* sobre febre amarela em três sítios eletrônicos de checagem de fatos, o E-farsas, o Boatos.org e o É ou não é?¹⁸. A razão para a escolha destes três sítios é o fato de serem conhecidos do público em geral e de terem seu conteúdo produzido a partir de dúvidas e sugestões dos leitores¹⁹.

A pesquisa foi realizada através do buscador dos próprios sítios com a palavra-chave febre amarela. Não foi necessário estabelecer um recorte temporal, pois os resultados da busca coincidiram com a epidemia de febre amarela do ano 2017 até o primeiro semestre de 2018, momento em que foi realizada a pesquisa.

¹⁷ “Se o interesse maior ou a maior importância recai sobre o objeto direto (LN2), a oração passa à voz passiva e o complemento, portanto, passa a ser sujeito” (LAGE, 2011, p.97) “Nos casos em que o interesse maior ou a maior importância recaem sobre o objeto indireto (kLN3), a solução é, em geral, semântica: recorre-se ao verbo que guarda relação de antonímia recíproca com o da primeira formulação.”(LAGE, 2011, p.98)

¹⁸ <http://www.e-farsas.com/>; <http://www.boatos.org/>; <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/>.

¹⁹ A página do E-farsas no Facebook possui 201.395 curtidas e 200.336 seguidores; a página do Boatos.org no Facebook possui 190.368 curtidas e 191.510 seguidores; a página do Portal G1 no Facebook, onde são veiculadas as checagens do É ou não é possui 10.676.009 curtidas e 10.760.295 seguidores. Em 30 de julho de 2018, conforme notícia veiculada, a seção É ou não é foi transformada em Fato ou Fake, novo serviço de checagem do G1 realizado em conjunto por O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo. Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em 03 jul. 2019.

O E-farsas é um sítio eletrônico de checagem de fatos criado pelo analista de sistemas Gilmar Lopes em abril de 2002 e que desde 2011 é parceiro do R7, portal de notícias da Record. As três *fake news* encontradas no E-farsas interessavam ao trabalho: “Uma jovem de 17 anos morreu por causa da vacina da febre amarela?”, publicada em 27 de janeiro de 2018; “A vacina contra a febre amarela é um veneno mortal”, de 22 de março 2017, e “Adolescente ainda virgem teria engravidado ao tomar uma vacina! Será verdade?”, publicada em 07 de junho 2018.

O Boatos.org foi criado pelo jornalista Edgard Matsuki em junho de 2013. Matsuki é o editor do sítio que possui como colaboradores Hellen Bizerra, Carol Lira e Kyene Becker. Dentre os onze resultados²⁰ na busca do Boatos.org, um era útil ao trabalho: “Garota virgem engravida após tomar vacina contra febre amarela (gripe)# boato” publicada em 09 de junho de 2018.

O É ou não é? é uma seção de checagem de fatos do portal de notícias G1 da Globo. Dos cinco resultados²¹ da pesquisa no É ou não é?, um era pertinente ao trabalho: “Vacina de febre amarela é veneno mortal?” de 24 de março de 2017.

Os resultados descartados tratavam-se de *fake news* na forma de vídeos, textos ou áudios de aplicativos de mensagens ou da rede social, que não constituiriam objeto de análise para esta pesquisa. Pelo critério da repetição e devido à necessidade de restrição do tamanho do trabalho, foram escolhidas duas *fake news* para serem analisadas: “a vacina de febre amarela é veneno mortal” e “virgem engravida após tomar vacina de febre amarela”.

Ressalta-se que as duas *fake news* selecionadas foram denominadas pelos sítios como notícia ou reportagem, tendo seu conteúdo citado ou reproduzido em partes. Porém, não existia uma padronização quanto à citação da fonte das *fake news*, dificultando o acesso ao texto original. A primeira *fake news* – “A vacina de febre amarela é veneno mortal” – foi encontrada na íntegra a partir blog da revista *Veja* Me engana que eu posto, editado por João

²⁰Os resultados excluídos foram: “Vírus da febre amarela sofreu uma mutação e vacina não protege mais #boato”; de 27 de fevereiro de 2018; “Macacos transmitem febre amarela para humanos e a solução é os matar #boato” de 28 de janeiro de 2018; “Vacina contra febre amarela paralisa o fígado diz médico de Sorocaba #boato” de 28 de janeiro de 2018; “Febre amarela é uma farsa criada pelo governo para vender vacina # boato” de 21 de janeiro de 2018; “ Própolis afasta mosquito da febre amarela e da dengue # boato” de 21 de janeiro de 2018; “ Enfermeira alerta que ninguém deve tomar a vacina contra febre amarela # boato” de 20 de janeiro de 2018; “ Enfermeira do HC diz que todos têm que tomar a vacina de febre amarela na cidade de São Paulo # boato” de 19 de janeiro de 2018; “Vacina contra febre amarela mata em 50% dos casos # boato” de 22 de março de 2017; Vacina contra febre amarela causa perda de visão (cegueira)#boato” de 20 de março de 2017; “Delfinópolis tem surto de febre amarela, alerta enfermeiro # boato” de 03 de março de 2017.

²¹Os resultados excluídos foram: “Fiocruz diz que mutações do vírus afetam eficácia da vacina contra a febre amarela?” de 28 de fevereiro de 2018; “Tomar própolis repele mosquito da febre amarela?” de 22 de janeiro de 2018; “Receita natural imuniza contra a febre amarela ou cura a doença?” de 19 de janeiro de 2018; “Macacos mortos com febre amarela foram encontrados no Sesc Itaquera?” de 30 de outubro de 2017.

Pedroso de Campos que também se dedica à checagem de fatos. Em publicação de 23 de março de 2017, o editor cita os sites Saúde, Vida e Família, e Pensa Brasil como as fontes. A segunda *fake news* “virgem engravida após tomar vacina de febre amarela” teve a fonte divulgada apenas no E-farsas que citou o sítio GShowPlay.

3.2 Tratamento dos dados

A segunda fase da metodologia consistiu na seleção e tratamento dos dados a partir das considerações de Lage sobre estrutura da notícia (2011). Primeiro foi realizada uma leitura do texto completo para coletar os seguintes elementos:

Itens léxicos, regras gramaticais excedentes; sinais gráficos estilísticos: <ul style="list-style-type: none"> • Há (quais?) • Não há 	Termos técnicos: <ul style="list-style-type: none"> • Há (quais?) • Não há 	Termos adjetivos e de grandezas imprecisos: <ul style="list-style-type: none"> • Há (quais?) • Não há 	Termos que expressem subjetividade: <ul style="list-style-type: none"> • Há (quais?) • Não há
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Em seguida, foram distinguidas as seguintes características no texto:

Pessoalidade do verbo: <ul style="list-style-type: none"> • Pessoal? • Impessoal? 	Função da linguagem: <ul style="list-style-type: none"> • Referencial? • Conativa? 	Modo verbal: <ul style="list-style-type: none"> • Indicativo? • Imperativo?
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------

No terceiro momento, o texto foi desmembrado de acordo com a ordem de estrutura de uma notícia a fim de suas partes serem analisadas:

Título	
Lide	
Sublide	
Documentação	

Quanto ao lide, foram extraídos os elementos da sua estrutura interna:

Campo semântico da ação verbal:	Aspecto verbal da ação verbal:
---------------------------------	--------------------------------

Sujeito	Quem / O quê
Predicado	Fez o quê
Sintagmas circunstanciais	Quando
	Onde
	Como
	Por quê/ Para quê

Também foi desmembrada a ordem das notações do lide:

1º notação	
2º notação	
3º notação	
4º notação	
5º notação	

Por último, as notações no lide de declaração foram distinguidas da seguinte forma:

Discurso Direto	
Discurso Indireto	

3.3 A Análise dos dados

De acordo com as considerações de Lage (2011) sobre a retórica, a gramática e a estrutura da notícia, ou seja, a sua organização ou componente lógico, e sobre as restrições pragmáticas da linguagem jornalística, foi realizada uma análise livre das duas *fake news* selecionadas buscando compará-las a uma notícia ideal que segue os preceitos da teoria e prática.

Pretendeu-se, também, com base nos resultados, elaborar um guia para facilitar o reconhecimento de *fake news* a partir de sua estrutura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se por apresentar os resultados e discussão em quadros esquemáticos onde o resultado encontra-se acima e a discussão abaixo de cada item. As *fake news* foram transcritas integralmente, inclusive preservando-se os erros, e podem ser verificadas em anexo ao final deste trabalho.

4.1 *Fake news* 1

Vacina da Febre Amarela engravida noiva no Pará e deixa cidade em pânico

Este é o primeiro caso de gravidez causada por uma vacina no Brasil. O caso aconteceu em Marabá, PA. Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela), afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra febre amarela. Segundo a jovem, logo após tomar a vacina, teria sentido vários enjoos. Preocupados, a família da adolescente a levaram no atendimento médico da U.P.A onde foi constatado que a adolescente estava grávida.

O noivo afirmou que nunca teve relação sexual com a garota, e sempre que tentava ela dizia que só ia liberar depois do casamento e que estava se guardando para “jesus”. “Eu estava em casa assistindo o jogo do flamengo, e ela disse que saiu apenas uma noite com a prima para se vacinar e acabou engravidando” afirmou o noivo.

O Ministério da Saúde não tem, ainda, um plano para combater a proliferação desse tipo de espermatozoide. O caso da adolescente não mobilizou o governo. Em nota, a Secretaria de Saúde de Marabá afirma que a jovem está querendo criar uma lenda -- parecida com a do boto -- e que não existe vacina que possa engravidá. Os pais da jovem ficaram indignados com a nota afirmaram que vão meter o processo no governo.

Fonte: <http://www.gshowplay.com/2018/06/vacina-da-febre-amarela-engravida-noiva.html>.

Quanto às restrições pragmáticas de ordem gramatical e semântica na notícia

Há itens léxicos (palavras e expressões) e regras gramaticais excedentes? Há sinais gráficos estilísticos?

Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela) ...

O noivo afirmou que nunca teve relação sexual com a garota, e sempre que tentava ela dizia que só ia liberar depois do casamento e que estava se guardando para “jesus”.

Segundo Lage (2011, p.64), a notícia é um produto industrial e para aumentar sua comunicabilidade e facilitar sua produção é necessário a limitação do código, ou seja, limitar itens léxicos (palavras e expressões) e regras gramaticais. Além disso, os manuais de redação proibirem os sinais gráficos estilísticos.

A notícia possui dois casos de excessos. A expressão (*segundo ela*), entre parênteses, é desnecessária para a afirmação de virgindade da adolescente pois a notícia é axiomática por natureza. Esta condição, que se encontra expressa no lide principal, poderia ser tratada em um parágrafo posterior de documentação sobre o componente *ainda virgem*. Aliás, o *ainda* é também desnecessário, parece reputar a adolescente.

O segundo caso traz o uso estilístico das aspas em “*jesus*”, que é um personagem mundialmente conhecido. Portanto, as aspas não possuem uma função, busca enfatizar o caráter estapafúrdio da afirmação da adolescente e não deveria ser aplicada com esse intuito.

Há termos técnicos?

O Ministério da Saúde não tem, ainda, um plano para combater a proliferação desse tipo de espermatozoide.

O uso de vocabulário e gramática tão coloquiais quanto possível na medida do correto e da adequação ao público a que se destina é uma norma de restrição da linguagem na produção da notícia exposta por Lage (2011, p.67)

Portanto, o termo *tipo de espermatozoide* deveria ser explicado, já que parece se tratar de uma novidade técnico-científica. O termo *criar uma lenda -- parecida com a do boto--*, apesar de não ser técnico, é específico e deveria ser referenciado.

Em sentido inverso, há várias expressões que extrapolam o limite formal do coloquial como, *só ia liberar depois do casamento; estava se guardando para “jesus”; vão meter o processo no governo.*

Há termos adjetivos e de grandezas para os quais não há consenso?

Não há

Para cumprir sua função de comunicação na relação impessoal jornalista/ público, é necessário a utilização de termos precisos e consensuais para os quais a minúcia dos detalhes e os recursos comparativos podem ser úteis, como expõe Lage (2011). A *fake news* foi produzida sem esses tipos de termos e está de acordo com as regras de estrutura da

notícia do autor.

Há termos que expressam subjetividade?

Não há

Em conformidade com Lage (2011), a *fake news* não possui termos subjetivos. Estes termos devem ser excluídos da notícia, uma construção retórica referencial que trata das “aparências do mundo”.

Há formas pessoais de tratamento?

Não há

A pessoalidade da notícia não faz sentido na relação jornalista/público, assim como não condiz com a sua linguagem referencial. Além do mais, ela é necessária tecnicamente dada a natureza de edição/reedição a que as notícias estão submetidas. Lage (2011) atesta esta regra exemplificando como os jornais, ao referirem-se a si mesmos, o fazem na terceira pessoa.

A *fake news* segue os parâmetros do autor pois seu texto está escrito de maneira impessoal.

A função de linguagem predominante é referencial ou conativa?

Referencial

Lage (2011) estabelece uma relação entre o modelo elementar de comunicação (fonte, mensagem, código, canal) na notícia e as funções da linguagem segundo Roman Jakobson (1896-1982). Corresponde à mensagem a função referencial, ou seja, a de informar sobre o mundo objetivo. As funções emotiva e conativa cabem à fonte e ao receptor, respectivamente.

Assim, a função da linguagem utilizada na mensagem da *fake news* analisada está de acordo com a técnica.

O modo verbal predominante é indicativo ou imperativo?

Indicativo

O modo verbal predominante da notícia deve associar-se à sua retórica, que sendo referencial por definição, conforme Lage (2011), exige o indicativo, que exprime um fato, a certeza da ação em qualquer dos tempos verbais.

Na *fake news*, a associação entre a linguagem referencial da mensagem e a utilização do verbo indicativo foi realizada.

Quanto à estrutura da notícia

Título

Vacina da Febre Amarela engravida Noiva no Pará e deixa cidade em pânico

O título é a “palavra, locução ou frase em corpo maior que identifica a matéria [...] constituído de uma frase que contém as notações essenciais do lide [principal], generalizando as denominações e frequentemente anulando a perfectividade própria do texto noticioso”. (LAGE, 2011 p. 221-222)

O título não corresponde às notações essenciais do lide principal. Há a discordância na nomeação do sujeito da notícia, no título está *noiva* e no lide *adolescente*, a nomeação trata-se de escolhas semânticas para evidenciar a condição de noiva ou de idade do sujeito, de acordo com a mais importante.

O título traz a oração coordenada aditiva *e deixa cidade em pânico* donde infere-se que haja dois eventos em importância a constar no lide e/ou sublide. No entanto, não há menção ao pânico da cidade em nenhum parágrafo da notícia, este evento não é tratado.

Ainda, o mais importante, o título traz como o fato da notícia que a vacina da febre amarela engravidou noiva, quando no lide, a ação verbal é a de afirmar, está no campo semântico da enunciação, a adolescente afirma ter ficado grávida depois da vacina.

O título poderia ser construído, então, da seguinte forma, utilizando as notações essenciais do lide principal: “Adolescente virgem afirma ter ficado grávida após tomar uma vacina contra febre amarela em Marabá, PA”.

Lide

Este é o primeiro caso de gravidez causada por uma vacina no Brasil. O caso aconteceu em Marabá, PA. Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela), afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela. Segundo a jovem, logo após tomar a vacina, teria sentido vários enjoos. Preocupados, a família da adolescente a levaram no atendimento médico da U.P.A onde foi constatado que a adolescente estava grávida.

O primeiro ponto a ser analisado é o campo semântico da ação verbal do lide. Como a notícia, segundo Lage (2011), é o relato de deslocamentos, transformações ou enunciações do mundo objetivo, o verbo do lide deverá estar contido em um destes campos semânticos. No caso acima, a ação verbal do lide é afirmar, ou seja, está no campo da enunciação, o verbo afirmar pressupõe quem enuncia (uma adolescente...), o que (que ficou grávida) a quem (não está explícito).

A segunda questão diz respeito ao aspecto verbal que implica a escolha semântica e temporal da ação (afirmar) expressa no lide. Para Lage (2011, p.84), o aspecto “distingue o evento perfectivo, o que terminou ou terá terminado de acontecer, do imperfectivo, aquele que não se sabe se terminou ou terá terminado”. A notícia deverá ser sempre perfectiva.

Os tempos verbais devem estar: “a) no pretérito perfeito, se a notícia é de fato acontecido; b) no futuro ou no futuro próximo (presente pelo futuro), se a notícia anuncia fato previsto; c) muito raramente no presente, mesmo na narrativa concomitante [...] nesse caso, costuma ser modulado por verbo ou advérbio.” (LAGE, 2011, p.84)

A construção verbal está no presente (afirma), mesmo não se tratando de evento concomitante à narração. O correto seria: “Uma adolescente afirmou...” (pretérito perfeito) ou “uma adolescente acaba de afirmar...” (presente modulado pelo verbo acabar).

O terceiro item de discussão do lide pretende averiguar seus elementos. Lage (2011, p.81) sustenta que, em sua forma clássica, o lide é uma “proposição completa no sentido aristotélico”, ou seja, contém sujeito (sintagma nominal), predicado (verbo e complementos) e as circunstâncias (sintagmas circunstanciais).

Sujeito - *Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela),*

Predicado- *afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela.*

Circunstâncias - *O caso aconteceu em Marabá, PA (lugar).*

Utilizando a síntese acadêmica de Harold Lasswell, Lage (2011) explica que o lide deve responder:

Quem/ O quê? *Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela),*

Fez o quê? *afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela.*

Quando (afirmou)? *Não há referência*

Onde (afirmou)? *O caso aconteceu em Marabá, PA*

Como (afirmou)? *Não há referência*

Por quê/Para quê (afirmou)? *Não há referência*

Portanto, seguindo a norma, o lide da notícia deveria ter sido escrito da seguinte forma: “Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem, em Marabá -PA, afirmou (ou acaba de afirmar) que ficou grávida depois de tomar uma vacina contra febre amarela.”

Observa-se que todas as notações que “sobraram” não fazem parte do lide e poderiam ser construídas como documentação, vide a formulação abaixo:

Este é o primeiro caso de gravidez causada por uma vacina no Brasil. Esta proposição não poderia iniciar o lide ao utilizar o pronome demonstrativo *este* referindo-se ao título. Ao contrário, deveria iniciar um parágrafo de documentação que buscasse realizar uma explanação histórica do que foi enunciado (do objeto direto da ação verbal) pelo sujeito do lide.

Segundo a jovem, logo após tomar a vacina, teria sentido vários enjoos. Preocupados, a família da adolescente a levaram (a levou) no atendimento médico da U.P.A onde foi constatado que a adolescente estava grávida. Este poderia ser um parágrafo de documentação que detalhasse a oração adverbial *depois que tomou uma vacina contra Febre amarela* constitutiva do predicado do lide.

Por último, é necessário avaliar a ordenação das notações ou elementos do lide que deve corresponder a uma ordem de importância. Na *fake news* temos:

1º notação - *Este é o primeiro caso de gravidez causada por uma vacina no Brasil*

2º notação - *O caso aconteceu em Marabá, PA.*

3º notação - *Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela), afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela.*

4º notação - *Segundo a jovem, logo após tomar a vacina, teria sentido vários enjoos*

5º notação - *Preocupados, a família da adolescente a levaram no atendimento médico da U.P.A onde foi constatado que a adolescente estava grávida.*

As proposições desnecessárias do lide foram subtraídas na análise de seus elementos que se encontra mais acima do trabalho, restando, como lide, as proposições *O caso aconteceu em Marabá, PA. Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela),*

afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela. O lide da *fake news* trata-se, portanto, de um lide sobre declaração.

Como descreve Lage (2011, p.102-103), em se tratando de um lide sobre declaração, este será composto de duas proposições: uma oração incompleta com sujeito, predicado (verbo sem o objeto direto) e circunstâncias mais a oração objetiva diretiva contendo o que foi declarado.

Ainda segundo o autor, há duas possibilidades de ordenação do lide de declaração. No discurso direto, ele é construído com objeto direto seguido da oração incompleta. No discurso indireto, estrutura-o iniciando pela oração incompleta sendo o objeto indireto integrado à esta oração meio da conjunção *que*.

No caso da *fake news*, o lide de declaração está no discurso indireto onde o objeto direto do verbo (afirmar) foi integrado à oração incompleta, porém sem a preposição *que*, o que constitui erro. O correto seria: “Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem, afirma”; “que ficou grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela”.

Sublide

Não há

O sublide, conforme Lage (2011), é o segundo parágrafo da notícia que complementa o lide principal, quando necessário, ou informa o segundo evento em importância. A *fake news* não possui sublide, porém não é necessário. Trata-se de uma construção facultativa na notícia.

Documentação 1

O noivo afirmou que nunca teve relação sexual com a garota, e sempre que tentava ela dizia que só ia liberar depois do casamento e que estava se guardando para “jesus”. “Eu estava em casa assistindo o jogo do flamengo, e ela disse que saiu apenas uma noite com a prima para se vacinar e acabou engravidando” afirmou o noivo.

Lage (2011, p.82) explica que a documentação é “o complemento do lide, que detalha e acrescenta informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, os sintagmas circunstanciais ou quaisquer de seus componentes”. A *fake news* analisada possui dois parágrafos de documentação que serão analisados a seguir.

No parágrafo destacado, busca-se a comprovação e o acréscimo de informações, a partir da afirmação de uma segunda pessoa, o noivo, de termos expressos no lide, a saber, o sintagma nominal *ainda virgem* e a ação verbal *ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela*.

Note-se, porém, que o objetivo da documentação é o detalhamento, a exposição de dados e as nomeações tanto quanto possível para atestar a veracidade da notícia. Este parágrafo deveria conter o nome e a idade do noivo, o tempo de relacionamento e a reprodução de declarações mais detalhadas e pertinentes das circunstâncias do acontecimento. Quando informações necessitam ser preservadas anônimas, esta condição deve constar na notícia, o que parece não ser o caso.

Documentação 2

O Ministério da Saúde não tem, ainda, um plano para combater a proliferação desse tipo de espermatozoide. O caso da adolescente não mobilizou o governo. Em nota, a Secretaria de Saúde de Marabá afirma que a jovem está querendo criar uma lenda -- parecida com a do boto -- e que não existe vacina que possa engravidá. Os pais da jovem ficaram indignados com a nota afirmaram que vão meter o processo no governo.

Esta documentação inicia reproduzindo uma suposta declaração do Ministério da Saúde sobre a *proliferação desse tipo de espermatozoide*. Utiliza-se o pronome demonstrativo referindo-se a uma afirmação que não foi realizada anteriormente nem no lide nem em documentação anterior. O correto seria o Ministério emitir declaração sobre a afirmação da adolescente contida no lide. Quando se afirma que “*O Ministério da Saúde não tem, ainda, um plano...*”, a frase seguinte deveria ser uma citação de uma fonte do MS confirmando este fato. Isto não acontece e, em nenhum ponto do texto, se fala em um representante do ministério.

Após, a documentação afirma que *o caso da adolescente não mobilizou o governo*. Afinal, se o governo citado for o Ministério da Saúde, ele ainda não tem um plano ou não se mobilizou, para quê e por quê?

Em seguida, a documentação reproduz a nota da Secretaria de Saúde, que, do ponto de vista da estrutura, é uma resposta à afirmação da adolescente contida no lide e está correto. E, por último, traz a declaração dos pais da adolescente, sem identifica-los, em resposta à declaração da Secretaria.

Observa-se que o parágrafo reproduz declarações de múltiplos personagens que poderiam ser organizadas em outros parágrafos e serem mais bem detalhadas em seu contexto e exposição de dados. Outro aspecto importante é não se citar a fonte do Ministério da Saúde responsável pela suposta declaração. A ausência de fontes concretas, personificadas, com nome, cargo etc., é um forte indicador de falta de veracidade de uma notícia, porém, citar estas fontes objetiva a legitimação da afirmação. Os pais da adolescente também não foram devidamente identificados.

Em vários momentos, a condição de gravidez da adolescente pela vacina da febre amarela é tratada como uma afirmação a ser apurada, em outros, como fato dado, porém, sem a devida exposição desta comprovação na notícia.

4.2 Fake news 2

Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL.

Se tomas vacinas contra a Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos, pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em concentrações alarmantes!

O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma denúncia gravíssima. Recentemente, tem circulado pela internet uma mensagem que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte. Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal. Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL aqui

Um dos possíveis efeitos secundários da vacina Febre Amarela que já matou e incapacitou centenas de #Brasileiros tendo sido confirmados 500 casos com esta vacina.

Vacina Contra febre amarela por ser veneno Mortal

Esta vacina ataca diretamente o sistema nervoso e causa problemas de respiração, paralisia e pode até levar à morte.

“Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas. Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra #gripe, tendo deixado de mencionar de todo qualquer um dos riscos associados à mesma.

~~“Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas. Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra #gripe, tendo deixado de mencionar de todo qualquer um dos riscos associados à mesma.~~

Segundo quase todas as histórias publicadas, as vacinas contra a gripe oferecem praticamente proteção certa contra a febre enquanto que o risco nunca é mencionado.

Na própria bula é revelado que a vacina nunca foi submetida a ensaios clínicos científicos: “Não houve estudos controlados que demonstrem adequadamente uma diminuição na doença influenza após a vacinação com Flulaval”, é o que se pode ler no folheto informativo num texto minúsculo que ninguém lê.

Lá também consta que “A segurança e a eficácia de Flulaval não foram estabelecidas em mulheres grávidas, lactantes ou crianças”. Mesmo assim, as farmacêuticas e várias outras entidades incentivam à vacinação contra a gripe por parte de mulheres grávidas.

A mesma entidade que admite que a vacina nunca foi testada, admite também abertamente que esta contém produtos químicos neurotóxicos!

Se tomas vacinas contra Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos, pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em concentrações alarmantes! Para além disso, não existe uma forma segura de mercúrio, tal como não existe forma segura de heroína. Todas as formas de mercúrio são consideradas altamente tóxicas quando injetadas no corpo! compartilhe máximo que puder!

Fonte: <https://pensabrasil.com/alo-brasil-depois-de-vacinarem-40-milhoes-de-pessoas-descobriram-que-vacina-da-febre-amarela-e-um-veneno-mortal/>.

Quanto às restrições pragmáticas de ordem gramatical e semântica na notícia:

Há itens léxicos (palavras e expressões) e regras gramaticais excedentes? Há sinais gráficos estilísticos?

(...) pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em concentrações **alarmantes!**

(...)pessoas descobriram que **VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL aqui**

Um dos possíveis efeitos secundários da vacina Febre Amarela que já matou e incapacitou centenas de #Brasileiros (...)

“Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas (...)

Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra #gripe, ...

*(...)admite também abertamente que esta contém produtos químicos **neurotóxicos!***

*Todas as formas de mercúrio são consideradas altamente tóxicas quando injetadas no **corpo!** compartilhe máximo que **puder!***

Conforme já salientado, em função da capacidade comunicativa e facilidade de produção da notícia, é necessário a limitação de itens léxicos (palavras e expressões) e regras gramaticais. Além de os manuais de redação proibirem os sinais gráficos estilísticos.

A maioria dos itens acima destacados possuem sinais gráficos estilísticos. Os sinais de exclamação (!) indicam a expressão de emoções, a interjeição de atenção ou o uso imperativo do verbo, todos estes casos devem ser excluídos da notícia, não atendem a função de informar.

O uso da cerquilha, o sinal # conhecido como jogo da velha, não possui função além da estilística. Nos casos destacados, foram utilizados como *hashtag*, função característica das redes sociais que o associam a uma palavra ou expressão criando um *hiperlink* de categorização de assunto. Ou seja, é um sinal de uso apelativo que não condiz em uma notícia.

As aspas destacadas foram utilizadas de maneira equivocada, não expressam a condição de discurso direto literal e, além do mais, não foram fechadas. Ao observar a *fake news* original, em anexo, percebe-se a função estética que ela comporta, a partir da cor e do tamanho diferentes da fonte do texto e do deslocamento proposital no centro.

Para além dos sinais gráficos propriamente ditos, podem-se considerar as letras maiúsculas como função estilística. A forma como foram empregadas, inclusive no título, é típica da linguagem moderna da *internet* para chamar atenção, gritar, alarmar.

A palavra *aqui*, que sugere um *link* na notícia, não possui esta função, como pode ser verificado na *fake news* original, em anexo, então, não deveria estar no texto descontextualizada.

Há termos técnicos?

*(...) pois sabe-se que estas contêm **produtos químicos neurotóxicos e metais pesados** em concentrações alarmantes!*

*Esta vacina ataca diretamente o **sistema nervoso** e causa problemas de respiração, paralisia e pode até levar à morte.*

*“Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o **mercúrio** em vacinas.*

*Na própria bula é revelado que a vacina nunca foi submetida a **ensaios clínicos científicos**: (...)*

*“Não houve estudos controlados que demonstrem adequadamente uma diminuição na **doença influenza** após a vacinação com **Flulaval**” (...)*

*(...)tal como não existe forma segura de **heroína**.*

É uma norma de restrição da linguagem na produção da notícia exposta por Lage (2011) o uso de vocabulário e gramática tão coloquiais quanto possível na medida do correto e da adequação ao público a que se destina. Isto implica a tradução de termos técnicos ou muito cultos.

A *fake news* possui uma informação de cunho técnico-científico, no entanto, todos os termos destacados não foram substituídos por uma linguagem mais coloquial ou devidamente explicados, exemplificados ou comparados da maneira mais clara possível.

Há termos adjetivos e de grandezas para os quais não há consenso?

*(...) pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em **concentrações alarmantes**!*

*O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma **denúncia gravíssima**.*

*Todas as formas de mercúrio são consideradas **altamente tóxicas** quando injetadas no corpo!*

*(...) é o que se pode ler no folheto informativo num **texto minúsculo** que ninguém lê.*

A restrição a termos imprecisos aos quais Lage (2011) se refere são para aqueles que possuem variação de referencial na relação jornalista/público (por exemplo, o quão alto ou baixo deve ser algo/alguém para assim ser considerado?). O autor sugere utilizar os detalhes e as comparações consensuais na produção da mensagem, pois a notícia necessita

ser precisa e não apenas ser, mas parecer verdadeira.

No termo *concentrações alarmantes*, concentração é uma grandeza que requer uma quantidade de matéria. O adjetivo alarmante não informa esta quantidade para que assim seja considerada.

Em *denúncia gravíssima*, utiliza-se um adjetivo aumentativo superlativo sem estabelecimento de critério. É muito grave para quem, por quê, quem assim a considera?

No termo *altamente tóxicas*, o advérbio altamente não informa qual grau de toxicidade (ou equivalência) as formas de mercúrio possuem.

Por último, o termo *texto minúsculo* também traz um adjetivo impreciso. Não é detalhado o tamanho da fonte para assim ser considerada em comparação a outros tamanhos de textos usuais.

Há termos que expressam subjetividade?

(...) pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em concentrações alarmantes!

*O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma **denúncia gravíssima**.*

*Todas as formas de mercúrio são consideradas **altamente tóxicas** quando injetadas no corpo!*

Lage (2011, p.74) afirma que os termos que expressam subjetividade não devem fazer parte da notícia. Exemplifica que “não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou”.

Os termos selecionados no quadro anterior repetem-se aqui pois ao serem empregados como adjetivos e grandezas imprecisos carregam a subjetividade do autor da *fake news*.

Em *concentrações alarmantes*, alarmante é um adjetivo e, como tal, carregado de subjetividade. Alarmantes segundo que parâmetros? Este termo caberia em uma declaração de uma fonte, mas não no estilo impessoal característico do texto de jornal.

Em *denúncia gravíssima*, além de conter a subjetividade própria dos adjetivos, “grave” foi utilizado em superlativo absoluto, aumentado o grau de opinião.

No termo “altamente tóxicas”, altamente é um advérbio de modo que expressa como o autor considera a toxicidade do elemento que cita.

Há formas pessoais de tratamento?

Se tomas vacinas contra Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos (...)

*(...) **compartilhe** máximo que puder!*

As formas acima destacadas correspondem às segundas pessoas dos modos subjuntivo e imperativo. Na *fake news*, elas não explicitam a reprodução literal de declarações e estão construídas como proposições objetivas.

Lage (2011) explica que as formas pessoais de tratamento não condizem com a notícia, pois, na relação jornalista/público, ambos se desconhecem, assim como é necessário manter a impessoalidade na notícia dada a sua constante submissão à edição/reedição.

A função de linguagem predominante é conativa ou referencial?

Referencial

A mensagem da notícia ou sua retórica deve corresponder à função da linguagem referencial de Roman Jakobson (1896-1982) citado por Lage (2011), pois a intenção da notícia é a de informar um evento do mundo objetivo.

A função da linguagem predominante na *fake news* é a referencial. Porém, cabe destacar que a última frase, *compartilhe máximo que puder!*, que não se trata de reprodução literal de declaração, como já foi discutido, corresponde à função apelativa. É um pedido com a intenção de convencimento.

Na proposição *Se tomas vacinas contra Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos*, a função da linguagem predominante também é a conativa, que tem como objetivo persuadir o interlocutor. Considerando tratar-se de um texto jornalístico, o uso da linguagem deve centrar-se na função referencial.

O modo verbal predominante é indicativo ou imperativo?

Indicativo

A *fake news* manteve coerência entre a função da linguagem referencial e o modo verbal indicativo exigido nesta função em contraposição ao modo verbal imperativo que expressa a retórica conativa, de acordo com Lage (2011).

Evidenciam-se as exceções nas proposições. *Se tomas vacinas contra Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos (...)* e *(...) compartilhe*

máximo que puder! como já foi discutido.

Quanto à estrutura da notícia

Título

Depois de vacinarem 40 mil de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL.

O título deve identificar a matéria e conter as notações essenciais do lide, generalizando e anulando a perfectividade da ação verbal, conforme explica Lage (2011). Da forma como está elaborado, não fica claro que a afirmação não é o fato noticiado, o fato é a declaração/ denúncia de um *site* e que, por desdobramento, será averiguado na notícia.

Caso o título, da forma como está, fosse considerado como a afirmação da notícia, este estaria com um grave problema pois as ações verbais expostas possuem sujeitos indeterminados: “vacinarem/descobriram”. Quem vacinou, quem descobriu? Esta é a essência do lide, a primeira pergunta que deve ser respondida e não foi.

Para estar de acordo com a técnica da notícia, utilizando as notações essenciais do lide principal, o título poderia estar escrito da seguinte maneira: “Site de notícias traz denúncia gravíssima sobre vacina da febre amarela”.

O título da *fake news* ainda é complementado por um subtítulo: *Se tomas vacinas contra a Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos, pois sabe-se que estas contêm produtos químicos neurotóxicos e metais pesados em concentrações alarmantes!*

A estrutura deste subtítulo está constituída por tratamento pessoal, oração condicional, verbo no subjuntivo e sujeito indeterminado. Não está claro que se trata de uma fala, ou seja, que é a reprodução de trecho da declaração/denúncia do *site* que a notícia traz. Portanto, se for uma proposição objetiva da notícia, a retórica deve ser referencial com verbo no indicativo e forma de tratamento impessoal, conforme Lage (2011).

Novamente, a expressão *sabe-se* (Quem sabe?) indica sujeito indeterminado e não coincide com a notícia.

Lide

O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma denúncia gravíssima. Recentemente, tem

circulado pela internet uma mensagem que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte. Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal. Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL aqui

Conforme evidenciou Lage (2011), a ação verbal do lide deve expressar um destes campos semânticos do mundo objetivo: deslocamentos, transformações ou enunciações. O verbo do lide na *fake news* é trazer (traz), por isso está contido no campo semântico de deslocamentos. Exige informar, portanto, o que se desloca (uma denúncia gravíssima), e eventualmente, o que/quem determina o deslocamento (O site de notícias Saúde Vida e Família) e uma das direções de/para (não está explícito, poderia ser “para o centro do debate”, por exemplo).

O lide, porém, poderia substituir *traz uma denúncia* por “denuncia”, assim, então, a ação verbal estaria contida no campo semântico de enunciação e seria um lide de declaração, mais pertinente semanticamente

A segunda observação, ainda sobre a ação verbal expressa no lide, é a de seu aspecto. Consonante com Lage (2011, p.84) o aspecto verbal deve ser perfectivo, ou seja, explicitar uma ação que acabou ou terá acabado de acontecer, o que acarreta a utilização correta do tempo verbal: pretérito perfeito, futuro ou presente pelo futuro e, raramente, presente (neste caso, modulado por verbo ou advérbio) são os tempos verbais a serem utilizados na notícia.

Na *fake news* o verbo está no presente do indicativo (traz) mesmo não se tratando de narrativa concomitante ao acontecimento e, mesmo neste caso, a construção correta seria “acaba de trazer”, “traz neste instante”, entre outras construções sinônimas.

A forma *traz* só é permitida no título que deve ser generalizante e perfectivo, conforme já analisado neste trabalho.

Neste item de discussão do lide, pretende-se analisar seus elementos, tais como descreveu Lage (2011): sujeito (sintagma nominal), predicado (verbo e complementos) e as circunstâncias (sintagmas circunstanciais).

Sujeito - *O site de notícias Saúde Vida e Família*

Predicado - *traz uma denúncia gravíssima: “Depois de vacinarem 40 mi de pessoas*

descobriram que vacina da febre amarela é um veneno mortal”.

Circunstâncias - Recentemente (tempo); *tem circulado pela internet (lugar); tem circulado pela internet uma mensagem (modo); que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte (finalidade)*

Ou utilizando a síntese acadêmica de Harold Lasswell, sugerida por Lage (2011):

Quem/ O quê? *O site de notícias Saúde Vida e Família*

Fez o quê? *traz uma denúncia gravíssima: “Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que vacina da febre amarela é um veneno mortal”*

Quando (traz)? *Recentemente*

Onde (traz)? *tem circulado pela internet (na internet)*

Como (traz)? *tem circulado pela internet uma mensagem (fazendo circular uma mensagem...)*

Por quê/Para quê (traz)? *que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte (para alertar...)*

Realizando um exercício teórico de interpretação e “desembaralhamento lógico” dos elementos e das proposições do lide, sem levar em consideração a regra de ordenação pela importância, de maneira ideal, ele deveria estar configurado da seguinte maneira:

“O site de notícias Saúde Vida e Família trouxe uma denúncia gravíssima, recentemente, na internet, fazendo circular uma mensagem que alerta para não tomar a vacina de febre amarela pelo simples risco de morte: ‘Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que vacina da febre amarela é um veneno mortal’”.

Se o redator pretendesse que o complemento nominal de denúncia (“*Depois de vacinarem 40 mi*”...) do lide fosse a proposição mais importante, o lide então, poderia estar escrito desta forma:

“Depois de vacinarem 40 mi de pessoas, descobriram que vacina da febre amarela é um veneno mortal”, é o que diz uma denúncia gravíssima trazida pelo site de notícias Saúde Vida e Família, recentemente, através de mensagem na internet, a fim de alertar para não tomar a vacina pelo simples risco de morte”.

No entanto, é fundamental definir o sujeito, principalmente na manchete e no lide. Deveriam estar expostos quem vacinou/descobriu segundo o site de notícias Saúde Vida e Família (a fonte).

A proposição *Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal* que “sobrou” deveria compor um parágrafo de documentação, conforme exemplo:

“De acordo com a mensagem do site, aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal...” Este parágrafo traria mais trechos da mensagem de denúncia do *site* Saúde Vida e Família aprofundando o conteúdo da denúncia do *site*.

A palavra *aqui* foi suprimida por motivos óbvios.

Por último, é necessário analisar a ordem das notações do lide que, segundo Lage (2011, p.95-96), obedece a uma ordem de importância: inicia-se pelo sintagma nominal ou circunstancial mais importante, porém, nunca pelo verbo.

Conforme foi estruturado o lide da *fake news*, temos:

1º notação - *O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma denúncia gravíssima*

2º notação - *Recentemente, tem circulado pela internet uma mensagem que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte.*

3º notação - *Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal.*

4º notação - *Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL aqui*

Para Lage (2011), no lide clássico, como é o caso, se o mais importante for o sujeito ou a ação em si, começa-se pelo sujeito (O site de notícias Saúde Vida e Família traz uma denúncia gravíssima). Se o mais importante for o complemento verbal/ objeto direto do verbo, passa-se à voz passiva (Uma denúncia gravíssima foi trazida pelo site...). Se a importância recai sobre um dos sintagmas circunstanciais, ele passa de interno à externo e inicia o parágrafo (Recentemente, o site... trouxe uma denúncia...(tempo); Na internet, o site de notícias... trouxe...(lugar); Através de mensagem na internet, o site de notícias... trouxe...(modo); Para alertar, o site de notícias... trouxe..(finalidade)). Se o mais importante for qualquer outro sintagma nominal, este deverá obedecer à regra imperiosa de ordenação pela importância.

No caso da *fake news* analisada, a notação que inicia o parágrafo é a frase com sujeito e predicado, incluindo o objeto direto do verbo, o que está de acordo caso o mais importante for o sujeito ou a ação verbal em si.

Porém, o título, que deve explicitar as notações essenciais do lide, está em desacordo com este. Assim, infere-se que a notação mais importante, que deveria iniciar o parágrafo é o sintagma de complemento nominal de denúncia: “Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que vacina da febre amarela é um veneno mortal”.

O lide foi organizado a partir desta notação mais acima do trabalho, onde foi

explicado que esta proposição possui sujeito indeterminado e constitui erro pois deveriam estar expostos quem vacinou/descobriu segundo o site de notícias Saúde Vida e Família (a fonte).

A notação *Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal* foi subtraída do lide em sua análise mais acima.

Sublide

Não há

Conforme já elucidado, o sublide tem caráter facultativo, utilizado para complementar o lide principal ou informar o segundo evento em importância da notícia. Na *fake news* não houve necessidade de tê-lo.

Documentação 1

Um dos possíveis efeitos secundários da vacina Febre Amarela que já matou e incapacitou centenas de #Brasileiros tendo sido confirmados 500 casos com esta vacina.

Vacina Contra febre amarela por ser veneno Mortal

Esta vacina ataca diretamente o sistema nervoso e causa problemas de respiração, paralisia e pode até levar à morte.

Segundo Lage (2011, p. 206-207) a documentação é “o detalhamento de personagens, ambiente e circunstâncias que corresponde a um lide noticioso” ou ainda “uma série de dados alinhados para exemplificar ou comprovar a afirmação feita em tópico frasal [no lide principal e/ou sublide]”. Nos próximos quadros serão analisados os parágrafos que correspondem à documentação da *fake news*.

As três proposições destacadas acima encontram-se desconexas após o lide e foram unidas como a primeira documentação, a fim de organizar a análise. Não está claro que todas estas afirmações são mais trechos da denúncia do site, aprofundando e detalhando a sua afirmação de envenenamento causado pela vacina de febre amarela. Ou se são afirmações de outras fontes (quais?) expostas pela notícia em diálogo com a denúncia do site. Além do mais, não há os dados e a explicação *dos efeitos secundários da vacina* que parece ser o propósito principal destas proposições.

Documentação 2

“Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas. Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra #gripe, tendo deixado de mencionar de todo qualquer um dos riscos associados à mesma.

Este parágrafo repete-se na *fake news* e por motivos óbvios será considerado apenas uma vez. Novamente, não está claro se as afirmações acima tratam-se da reprodução das denúncias do site que serão apuradas e respondidas ou não na notícia.

Busca expor a ausência de outras denúncias sobre os riscos da vacina de febre amarela e o incentivo a ela por entidades sociais legítimas para comprovar e reverberar a denúncia. Se o objetivo da documentação é o detalhamento e a exposição de dados, *o mercúrio em vacinas* é mencionado como fato dado sem ser explicado. Da mesma forma, é citada a vacina da gripe, ao invés da de febre amarela, e não se evidencia que se trata de uma comparação para gerar um processo de contextualização.

Documentação 3

Segundo quase todas as histórias publicadas, as vacinas contra a gripe oferecem praticamente proteção certa contra a febre enquanto que o risco nunca é mencionado.

Neste parágrafo de documentação, é nítido que está sendo reproduzida a declaração de outra fonte (*Segundo quase todas as histórias publicadas*) para contextualizar e comprovar a natureza inédita da denúncia do site. No entanto, a fonte é imprecisa, a vacina referida é novamente a da gripe (sem estar se referindo a uma comparação) e os dados não são aprofundados. Parece que a proposição é o início de um parágrafo que não foi completado.

Documentação 4

Na própria bula é revelado que a vacina nunca foi submetida a ensaios clínicos científicos: “Não houve estudos controlados que demonstrem adequadamente uma diminuição na doença influenza após a vacinação com Flulaval”, é o que se pode ler no folheto informativo num texto minúsculo que ninguém lê.

Nesta documentação estão sendo reproduzidas informações contidas em um documento (qual bula, de qual vacina, de qual produtora, de quando a fabricação?) para comprovar e reverberar a denúncia do site realizada no lide. Porém, nota-se que está sendo mencionada a vacina contra o vírus influenza, ao invés da contra a febre amarela, sem estar explícita uma comparação. Não é explicado o que é *Flulaval* e sua relação com o que o site denuncia.

Documentação 5

Lá também consta que “A segurança e a eficácia de Flulaval não foram estabelecidas em mulheres grávidas, lactantes ou crianças”. Mesmo assim, as farmacêuticas e várias outras entidades incentivam à vacinação contra a gripe por parte de mulheres grávidas.

Este parágrafo é a continuação do anterior onde são reproduzidas mais informações de um documento (a bula da vacina contra o vírus que causa influenza?) em diálogo com a denúncia do site contida no lide. Novamente, não há coerência textual, pois a conclusão da proposição refere-se à vacina de gripe, não mais a da influenza. Esta mesma conclusão afirma que *as farmacêuticas e várias outras entidades incentivam à vacinação...mas não as nomeiam nem mostra os dados.*

Documentação 6

A mesma entidade que admite que a vacina nunca foi testada admite também abertamente que esta contém produtos químicos neurotóxicos!

Esta proposição também se encontra desconexa no corpo da notícia. Parece ainda se tratar das informações reproduzidas da bula. Ao mesmo tempo, o termo *a mesma entidade* parece referir-se às *farmacêuticas e várias outras entidades* citadas no parágrafo anterior, ou seja, há falta de coesão textual. A afirmação não é explicada, exemplificada e aprofundada pelos dados da bula em diálogo com a denúncia do site. Está inconcluso.

Documentação 7

Se tomas vacinas contra Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos, pois sabe-se que estas contém produtos químicos neurotóxicos e metais pesados

em concentrações alarmantes! Para além disso, não existe uma forma segura de mercúrio, tal como não existe forma segura de heroína. Todas as formas de mercúrio são consideradas altamente tóxicas quando injetadas no corpo! compartilhe máximo que puder!

O último parágrafo da *fake news* apresenta uma construção que contraria a técnica jornalística de Lage (2011) e a preocupação da *fake news* em aparentar ser uma notícia. Apresenta em seu início uma proposição pessoal e subjuntiva e ao final uma proposição imperativa, sendo que a notícia deve ser construída em linguagem referencial, impessoal e no modo indicativo, segundo o autor.

Em síntese, na primeira parte da análise, que se referiu às restrições pragmáticas de linguagem da redação da notícia, foi possível observar que quanto aos excessos de itens léxicos e à proibição de sinais estilísticos, as duas *fake news* não obedeceram aos parâmetros de Lage (2011). Na *fake news 2* há, ao contrário, o abuso nos usos de cerquilha e exclamação. Quanto ao uso de termos técnicos e especializados sem a referida explicação, também foram encontradas ocorrências nas duas *fake news*, porém, em maior quantidade na segunda, devido à exigência do próprio tema, supostamente técnico-científico, em questão.

Em relação aos termos adjetivos e de grandeza não consensuais que não devem fazer parte da notícia, estes foram encontrados na *fake news 2* com as expressões “concentrações alarmantes”, “denúncia gravíssima”, “altamente tóxicas” e “texto minúsculo”. Os três primeiros, assim empregados, também podem ser considerados expressões de subjetividade contrariando as regras expostas no referencial de Lage (2011).

No que diz respeito à retórica da notícia, ou seja, à proibição de formas pessoais de tratamento e à adoção da linguagem referencial com o uso do modo verbal indicativo, segundo Lage (2011), as duas *fake news* possuíam retórica referencial. Apesar disso, constitui fato notório a abertura e conclusão da *fake news 2* com o uso da linguagem apelativa e o modo verbal subjuntivo e exclamativo e para além disso, o abuso dos sinais cerquilha e exclamação que não condizem com a função de linguagem referencial.

Ambas as *fake news* foram produzidas com título, lide e documentação. Porém, a análise minuciosa pôde avaliar que as regras de construção de cada parte constitutiva da notícia não foram levadas em consideração. Nas duas *fake news*, o título não correspondia às notações essenciais do lide e, ainda, ou divergia quanto ao seu sujeito e a sua ação verbal, ou

os ocultava. Na *fake news* 1, o título mencionou uma notação não desenvolvida no lide, nem sequer no corpo do texto.

Os lides das duas *fake news* necessitaram de um esforço de interpretação e lógica para seus elementos e proposições serem identificados e organizados. Ambos puderam ser reescritos conforme a técnica e houve proposições que sobraram e, portanto, não deveriam estar fazendo parte do lide. Na *fake news* 1, apenas três das seis perguntas do lide foram respondidas. Na *fake news* 2, não ficou claro qual era a notação mais importante. As duas ações verbais que compunham os lides foram escritas na forma perfectiva, algo que contraria as regras, salvo exceções, o que não foi o caso.

Na duas *fake news* não havia sublide, mas dado seu caráter facultativo, não constituiu erro de estrutura. Já os parágrafos de documentação não atenderam às suas funções nas duas *fake news*, a saber, o detalhamento, a exemplificação, a seriação de dados e a comprovação dos elementos e notações do lide. Em especial, na *fake news* 2 há várias proposições desconexas que não formam parágrafos coesos e sim inconclusos, há falta de coerência no corpo do texto.

Portanto, a análise demonstrou que as *fake news* não obedeceram, de maneira geral, às regras de construção e técnica da notícia, de acordo com Lage (2011).

A seguir, apresenta-se uma proposta de miniguia para detectar *fake news*.

4.3 Miniguia – uma proposta

Se você costuma consumir notícias nas mídias sociais, pode já ter se deparado com as chamadas *fake news*. Ou ainda, pode ter medo de encontrá-las e não saber como identificá-las. Se o tema for saúde, as *fake news* podem comprometer sua qualidade de vida, ocasionar doenças e até provocar mortes. Costuma ser popular a checagem dos fatos e das fontes a fim de desmascará-las. Uma terceira opção pode ser verificar o formato da notícia. A seguir, foi elaborado um passo a passo para você verificar se aquela “notícia” é mesmo uma notícia ou só aparenta ser.

A notícia está repleta de # ! “” () CAPS LOCK?

() Sim () Não

Se a resposta for sim, desconfie! A notícia não é conversa de *Whatsapp* nem postagem do *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*. Ela não deve possuir estes sinais estilísticos.

A notícia possui muitos termos técnicos e especializados? Encontrou a linguagem dos médicos e advogados, engenheiros e administradores sem as devidas explicações, por exemplo?

Sim Não

Se a resposta for sim, tome cuidado! A notícia é um produto feito para todos os públicos, logo, ela deve estar numa linguagem cotidiana para ser entendida por todos.

Na leitura da notícia, encontrou adjetivos e grandezas que não pôde mensurar? Por exemplo, você teve que imaginar o quão alto ou baixo, perto ou longe, frio ou calor, grande ou pequeno, rápido ou devagar... foi anunciado?

Sim Não

Se a resposta for sim, atenção! A notícia deve ser detalhada, deve informar tudo com precisão e adotar referências universais. Afinal, seu objetivo não é fazer o leitor viajar no mundo da imaginação!

A notícia está anunciando o que alguém sonhou, pensou, imaginou, premeditou, desejou?

Sim Não

Se a resposta for sim, fique de olho! Os termos que expressam subjetividade não podem ser considerados como fatos porque a notícia é o relato sobre o mundo acessível, aparente.

A notícia está tratando diretamente com o leitor? Tenta te convencer de algo, emite opinião traz dúvidas ou dá comandos?

Sim Não

Se a resposta for sim, fique atento/a! A mensagem da notícia deve ter como único objetivo informar. Assim, ela deve ter a linguagem que lembra mais a de um livro didático e não como a de uma propaganda, por exemplo.

Observe o título da notícia juntamente com o seu primeiro parágrafo e avalie se eles

coincidem.

Sim Não

Se a resposta for não, fique esperto/a! Esta é uma estratégia muito comum do jornalismo das mídias sociais chamada *clickbait* (caça-clique). Geralmente, o título deve conter os mesmos elementos que estarão dispostos resumidamente no primeiro parágrafo.

Encontre o primeiro parágrafo da notícia e tente responder se há respostas para a maioria destas perguntas: Quem/ o quê? Fez o quê? Quando? Onde? Como? Por quê/ Para quê?

Sim Não

Se a resposta for não, suspeite! O primeiro parágrafo da notícia se chama lide e nele devem estar as respostas para estas perguntas. Ainda mais, elas devem estar respondidas em uma ordem de importância!

Após o primeiro parágrafo, examine todos os demais e compute se cada um acrescenta pelo menos um dado, um exemplo ou uma declaração na notícia.

Sim Não

Se a resposta for não, questione! O texto da notícia deve cumprir sua função básica, a de informar. Esses parágrafos, chamados documentação, devem trazer o detalhamento e a comprovação do fato informado no início da notícia.

Observe o cabeçalho da notícia e identifique se ela está assinada, ou seja, se possui um autor.

Sim Não

Se a resposta for sim, busque! Se a resposta for não, busque também! A autoria da notícia pode estar explícita ou não. É possível também descobrir se o autor é um jornalista ou formador de opinião ou se o *site* que a veiculou é especializado e realiza trabalho público reconhecido em jornalismo. Também pode-se atentar para o local, data e hora de publicação da notícia para saber mais!

Procure, no texto, quem foi entrevistado e se as fontes estão devidamente identificadas, ou seja, consta o nome de alguém, a idade, o cargo etc.

Sim Não

Se a resposta for não, examine! Textos sem citar diretamente (com aspas) declarações de indivíduos podem se tornar descredibilizados. Mesmo que haja referência às fontes, é preciso que conste sua identificação como forma de legitimidade.

Para finalizar, é sempre bom lembrar que a notícia é um produto comercial! Por isso, sua produção pode sofrer desvios práticos e éticos das regras, mesmo o conteúdo sendo verdadeiro! Na dúvida, você tem as opções de checagem pelas fontes, pelos fatos ou pelo formato das notícias. Cheque sempre antes de acreditar em uma notícia e, principalmente, antes de passá-la adiante. Afinal, a pessoa que vai recebê-la pode não ter o mesmo senso crítico que você...

5 CONCLUSÃO

Buscou-se analisar duas *fake news* a partir de sua estrutura de notícia. Sua produção neste formato objetiva legitimar a desinformação veiculada. No entanto, a redação da notícia é um trabalho especializado que segue parâmetros, como os estabelecidos por Nilson Lage em *Estrutura da Notícia* (2011). Desta forma, na análise comparativa foi possível “desmascarar” a aparência de notícia que as *fake news* adquiriram, confirmando o pressuposto da pesquisa de que há diferenças de estrutura entre as duas produções.

O tema escolhido para o trabalho, para a seleção dos documentos, se deu devido à importância e o perigo que as *fake news* representaram no contexto de surto e potencial risco de epidemia urbana da febre amarela no Brasil entre 2017 e 2018. Na área da saúde, estas têm ampla disseminação e podem causar prejuízos à saúde e à vida dos indivíduos.

Antes de uma análise mais minuciosa e teórica, foi possível observar (ver anexo) elementos visuais que ora corroboravam para a desconfiança nas *fake news*, ora para a enganação por elas. Há erros crassos de ortografia, pontuação, concordância e regência. Foi possível notar um desleixo quanto à paragrafação, à coesão e coerência na segunda *fake news*. Na primeira, havia um desleixo com a informalidade das falas.

Em contrapartida, à primeira vista, as *fake news* poderiam enganar o leitor em meio aos estímulos de informação das mídias sociais. Ambas estão com data, horário e assinatura do redator. Encontram-se, supostamente, enquadradas em editoriais do portal de notícias. As

duas possuem botões de compartilhamento também típicos de notícias *online*. Por último, o conteúdo é sensacionalista e desperta as emoções das pessoas corroborando para isso também as imagens e cores.

Ressalta-se que não foi objetivo do trabalho lidar com as fontes da *fake news* e nem com os fatos informados por ela, embora, em alguns momentos, tenha sido necessária uma análise semântica. Tratou-se de um tipo de checagem diferente da checagem de fatos e checagem de fontes.

Salienta-se, também, que não foi intenção na pesquisa estabelecer a notícia que segue as regras de redação do jornalismo profissional como discurso verdadeiro *a priori*. Ao contrário, entendeu-se que a notícia é um produto comercial submetida aos interesses e objetivos mercadológicos, sujeitas, por isso, a desvios práticos e éticos em sua redação. No entanto, buscou-se fixar como parâmetro de redação ideal, a do referencial teórico Lage (2011).

As *fake news* analisadas foram produzidas sem considerar as regras de restrições na linguagem e de constituição e ordenação dos elementos e proposições das partes constitutivas da notícia (título, lide e documentação). A nomeação das coisas, o detalhamento que dá o efeito de realidade e a explicação para o público em geral foram negligenciados. Em síntese, independente dos fatos, as *fake news* não cumpriram seu papel de informar.

O trabalho se propôs, por último, a elaborar um miniguia de checagem de *fake news* a partir de sua forma, um modesto *form-chacting*. A elaboração do guia cumpriu três funções. Em primeiro lugar, ajudou a sintetizar e sistematizar o referencial teórico necessário à análise a que se propôs a pesquisa. Em segundo lugar, constitui-se como um documento de divulgação científica, para o público em geral, da teoria jornalística de produção da notícia de Lage (2011).

Por último, e mais importante, foi criado para ser uma ferramenta, em linguagem acessível para o público em geral, que o instrumentalize, a partir de um exercício de comparação e reflexão, a serem críticos quanto às (des) informações de C&T veiculadas pelas mídias sociais. Espera-se contribuir para a área do Jornalismo Científico que possui como um de seus desafios mais preeminentes atualmente a disputa de narrativas na área da saúde, como foi evidenciado no caso do surto e potencial risco de epidemia de febre amarela no Brasil entre 2017 e 2018 que constituiu tema da pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

BASSETE, Fernand; RAPP, Marina; BERGAMASCO, Daniel. Epidemia de mentiras: Praga na política, as fake news também se tornaram um caso grave de saúde pública. **Revista Veja**, edição 2590, ano 51, n.28, p 62-69, jul.2018.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Científico: conceito e funções. **Ciência e Cultura**, n.37(9), p.1420-1427, setembro 1985.

COSTA, Mariana Timóteo. Fake news tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. G1. 22 maio 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/fake-news-tiveram-influencia-na-vacinacao-contr-a-febre-amarela-no-brasil-diz-chefe-da-oms.ghtml>. Acesso em 20 nov. 2018.

DIEB, Daniel Almeida Abrahão; PESCHANSKI, João Alexandre. **Jornalismo Científico: Prática e Revisão de Literatura**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017, p.1-13.

FAKE News é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. BBC. 2 nov. 2017. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>. Acesso em 23 jul. 2018.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Febre amarela: Ministério da Saúde atualiza casos no país. 4 abr. 2018. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42940-febre-amarela-ministerio-da-saude-atualiza-casos-no-pais-6>. Acesso em 20 nov. 2018.

FILHO, Bertolli Cláudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**, 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em 21 nov.2018.

GRAGNANI, Juliana. Por que o Brasil se transformou em terreno fértil para a difusão de notícias falsas durante as eleições. BBC. 2 nov. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45978191>. Acesso em 20 nov. 2018.

HERNANDO, Manuel Calvo. Democracia y Periodismo Científico. **CHASQUI - Revista Latinoamericana de Comunicación**, n.66, p.11-13, junio 1999. Disponível em <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/506>. Acesso em 20 nov. 2018.

JANSEN, Roberta. País enfrenta epidemia de notícias falsas sobre febre amarela. Estadão. 09 mar. 2018. Disponível em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pais-enfrenta-epidemia-de-noticias-falsas-sobre-febre-amarela,70002219952>. Acesso em 03 set. 2018.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**, 2012. Disponível em: http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/.../Ideologia_comp.pdf. Acesso em 28 jul. 2018.

MARIZ, Renata. Cinco cidades do Rio têm risco de ressurgimento da poliomielite. O Globo. 3 jul. 2018. Sociedade. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/cinco-cidades-do-rio-tem-risco-de-ressurgimento-da-poliomielite-22844702>. Acesso em 20 nov. 2018.

OLIVEIRA, Monique. Febre amarela: 'fake news' confundem profissionais da saúde e alguns pacientes ficam sem a vacina, avaliam especialistas. O Globo. 06 abr. 2018. Bem Estar. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/febre-amarela-fake-news-confundem-profissionais-da-saude-e-pacientes-ficam-sem-a-vacina-avaliam-especialistas.ghtml>. Acesso em 20 nov. 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe report, 2017. Disponível em <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em 25 jul. 2018.

WENDLING, Mike. Como o termo 'fake news' virou arma nos dois lados da batalha política mundial. BBC. 27 jan. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>. Acesso em 14 ago. 2018.

7 ANEXOS

BREAKING Carros reprovados em segurança se consolidam como líderes nacionais



HOME NOTÍCIAS TV & FAMOSOS CURIOSIDADES POLITICA



Vacina da Febre Amarela engravida Noiva no Pará e deixa cidade em pânico

ISSO É BRASIL 12:55 Rede Social

Este é o primeiro caso de gravidez causada por uma vacina no Brasil. O caso aconteceu em Marabá, PA. Uma adolescente de 16 anos, ainda virgem (segundo ela), afirma ter ficado grávida depois que tomou uma vacina contra Febre amarela. Segundo a jovem, logo após tomar a vacina, teria sentido vários enjoos. Preocupados, a família da adolescente a levaram no atendimento médico da U.P.A onde foi constatado que a adolescente estava grávida.



O noivo afirmou que nunca teve relação sexual com a garota, e sempre que tentava ela dizia que só ia liberar depois do casamento e que estava se guardando para "jesus". "Eu estava em casa assistindo o jogo do flamengo, e ela disse que saiu apenas uma noite com a prima para se vacinar e acabou engravidando" afirmou o noivo

O Ministério da Saúde não tem, ainda, um plano para combater a proliferação desse tipo de espermatozoide. O caso da adolescente não mobilizou o governo. Em nota, a Secretaria de Saúde de Marabá afirma que a jovem está querendo criar uma lenda – parecida com a do boto – e que não existe vacina que possa engravidá. Os pais da jovem ficaram indignados com a nota afirmaram que vão meter o processo no governo.

COMPARTILHE: [Facebook](#) [Twitter](#) [Google+](#)

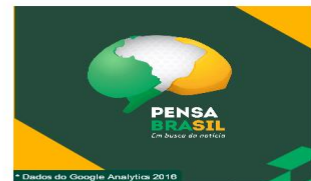
Compartilhar no WhatsApp



SEU ARTIGO NO PENSA BRASIL

Publique seus artigos aqui no site Pensa Brasil, uma grande autoridade em página e domínio. Assim ele chega mais longe. Saiba mais [Clicando aqui...](#)



Ajude e levar essa informação mais longe, compartilhe ...



O site de notícias **Saúde Vida e Família** traz uma denúncia gravíssima Recentemente, tem circulado pela internet uma mensagem que alerta para não tomar a vacina pelo simples risco de morte. Aparentemente, a vacina da febre é um veneno mortal. Depois de vacinarem 40 mi de pessoas descobriram que VACINA DA FEBRE AMARELA É UM VENENO MORTAL aqui

Um dos possíveis efeitos secundários da vacina Febre Amarela que já matou e incapacitou centenas de **#Brasileiros** tendo sido confirmados 500 casos com esta vacina.

Vacina Contra febre amarela por ser veneno Mortal

Esta vacina ataca diretamente o sistema nervoso e causa problemas de respiração, paralisia e pode até levar à **morte**.



Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas. Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra a #gripe, tendo deixado de mencionar de todo qualquer um dos riscos associados à mesma.

Vários médicos, farmacêuticas e meios de comunicação continuam a mentir sobre o mercúrio em vacinas. Os mídia deixaram a ciência totalmente de lado na sua propaganda de incentivo à vacina contra a **#gripe**, tendo deixado de mencionar de todo qualquer um dos riscos associados à mesma.

Segundo quase todas as histórias publicadas, as vacinas contra a gripe oferecem praticamente proteção certa contra a febre enquanto que o risco nunca é mencionado.

Na própria bula é revelado que a vacina nunca foi submetida a ensaios clínicos científicos: "Não houve estudos controlados que demonstrem adequadamente uma diminuição na doença Influenza após a vacinação com Flulaval", é o que se pode ler no folheto informativo num texto minúsculo que ninguém lê.

Lá também consta que "A segurança e a eficácia de **Flulaval** não foram estabelecidas em mulheres grávidas, lactantes ou crianças". Mesmo assim, as farmacêuticas e várias outras entidades incentivam a vacinação contra a gripe por parte de mulheres grávidas.

A mesma entidade que admite que a vacina nunca foi testada, admite também abertamente que esta contém produtos químicos neurotóxicos!

Se tomas vacinas contra a Febre Amarela, é provável que estejas a ser envenenado aos poucos, pois sabe-se que estas contêm produtos químicos **neurotóxicos** e metais pesados em concentrações alarmantes! Para além disso, não existe uma forma segura de mercúrio, tal como não existe forma segura de heroína. Todas as formas de mercúrio são consideradas altamente tóxicas quando injetadas no corpo! compartilhe máximo que puder!

Ajude e levar essa informação mais longe, compartilhe ...

